

# TRAMAR FIOS DE LÃ E TRANÇAR TENTOS DE COURO

**SILVA, Eduarda Borges da**

**GILL, Lorena Almeida (orientadora)**

[eduarda.historia.ufpel@gmail.com](mailto:eduarda.historia.ufpel@gmail.com)

[lorenaalmeidaqill@gmail.com](mailto:lorenaalmeidaqill@gmail.com)

## RESUMO

Este estudo visa perceber a condição de trabalho das tecelãs manuais<sup>1</sup> e dos guasqueiros<sup>2</sup> frente à industrialização, no século XXI, bem como a sua trajetória. A partir de entrevistas de História Oral Temática, concedidas ao projeto “À beira da extinção: memórias de trabalhadores cujos ofícios estão em vias de desaparecer”, busca-se apresentar o saber-fazer destes artesãos, seus cotidianos de labuta, e como se mantêm em atuação, tendo em vista, a concorrência que o sistema industrial lhes impõe. Perceber, através destas narrativas, as estratégias destes artífices para coexistirem no mercado de trabalho, diante de tais condições, justifica a relevância desta pesquisa.

**Palavras-chave:** tecelã, guasqueiro, industrialização.

---

<sup>1</sup> Artesãs manuais que utilizam a lã como matéria-prima para produzir vestimentas ou peças decorativas. Trabalham com agulhas de tricô ou teares manuais. Há também a tecelagem fabril, exercida por operários (as) que também são intitulados (as) tecelões (ãs).

<sup>2</sup> Os guasqueiros são artesãos manuais que trabalham o couro cru e produzem, sobretudo, artefatos para as lides campeiras.

## **INTRODUÇÃO**

Esta comunicação parte de entrevistas de História Oral Temática (MEIHY, 1996) realizadas com guasqueiros e tecelãs de Piratini em 2012 e 2013 e integra dois outros projetos. Um de pesquisa, intitulado “À beira da extinção: memórias de trabalhadores cujos ofícios estão em vias de desaparecer” e outro de extensão, denominado Arquivo do Laboratório de História Oral da Universidade Federal de Pelotas, os dois relacionados ao Núcleo de Documentação Histórica da UFPel.

O primeiro objetiva observar e compreender os ofícios artesanais, entre outros, frente à industrialização e ao capitalismo (THOMPSON, 1988). O segundo documenta e permite a acessibilidade a tais fontes, a partir da guarda e organização deste acervo, constituído por narrativas orais sobre o cotidiano de labor, o saber-fazer e a condição atual no mercado de trabalho de tais artífices. Estes relatos são posteriormente transcritos, impressos, catalogados e armazenados no banco de dados do Laboratório.

## **TRAMAR FIOS DE LÃ: AS TECELÃS**

“As mãos da tecelã forjam o tempo  
A roca das manhãs em movimento  
Na reta dessas lãs, rumos no vento [...]”

Martim César

Tecer é um saber-fazer tradicionalmente vinculado às mulheres e, muitas vezes, ensinado de forma geracional pela observação. Quando a tecelagem utiliza lã pura e não industrializada ou algodão, está permitindo que a lã retirada das ovelhas no verão seja reutilizada na forma de artesanato e

vestimenta para enfrentar o frio no inverno (GEISEL; LODY, 1983; LESSA, 1978).

Dona Neuza da Rosa, 72 anos, desde pequena trabalhava a lã, com a sua mãe que tecia xergões<sup>3</sup>, cobertores e ponchos<sup>4</sup> para vender. Sua avó e bisavó também teciam e ela ensinou suas duas filhas a tecer, mas apenas uma delas ainda exerce o antigo ofício, para seu próprio consumo.

Já o trabalhar no tear manual, dona Neuza aprendeu com a sua sogra e estabeleceu a seguinte forma de produção e/ou criação: sendo uma peça menor de até um metro utilizava agulhas, pois estas variavam de 30 centímetros a 1 metro; se a peça fosse maior que 1 metro fazia no tear.

Seu esposo Maximino da Rosa contou que:

Eu fiz um (tear) pra ela fazer poncho, ela não queria, ela trabalhava com tricô e ela não queria fazer um poncho, e eu queria que ela fizesse um poncho pra mim e eu fiz o tear, porque eu sabia, ajudava a minha mãe, e levei a minha mãe lá pra chácara, ela nos explicou a botar o poncho no tear e levamos oito dias, aí eu disse pra ela que se ela não quisesse continuar, que eu ia botar pra lenha aquele... (riso) E até hoje tá lá arrumado (2012, p. 3).

Seu esposo criava ovelhas e esquilava<sup>5</sup> a lã antes do verão e dona Neuza lavava essa lã na sanga com sua família. Seu Maximino lembrou que:

Houve uma ocasião dela comprar de a 100 kg do finado Onécio Barbosa, 100 kg de lã preta e nós ia acampar. Eu tinha trator, enchia de lenha e panelas pra ferver água e passava um dia inteiro, clareava o dia e nós lá num arroio. Eu achava um serviço brabíssimo, mas tinha que levar (2012, p. 7).

Dona Neuza, em relação ao processo de fiar, contou que depois da lã lavada e seca, a abria com as mãos, sendo após o ato de cardar (imagem 1). O

---

<sup>3</sup> Tecido de lã utilizado no lombo dos cavalos antes das demais peças de montaria, para protegê-los e absorver o suor.

<sup>4</sup> Espécie de cobertor de lã, com um buraco ao centro, por onde é vestido, ficando sobre os ombros. Seu tamanho, forma e cores variam. Há também o pala, que tem praticamente o mesmo formato do poncho, todavia, é feito de tecidos mais leves e usado em épocas menos frias.

<sup>5</sup> Esquilar a lã significa extraí-la das ovelhas com o uso de uma tesoura. Este ato também pode ser denominado, tosa ou tosquia.

próximo passo era a roca, máquina de pedal, de onde saia o fio de lã (imagem 2). Em relação à cor, as lãs brancas eram tingidas com tintas de tecido e as pretas permaneciam naturais.



Imagem 1: Fotografia de dona Neuza da Rosa cardando lã. KUSMA, Vinícius. **“Projeto À beira da extinção: memórias de trabalhadores cujos trabalhos ofícios estão em vias de desaparecer”**. Tecelã Neuza da Rosa. Piratini, 2013. Armazenada no Laboratório de História Oral da Universidade Federal de Pelotas.



Imagem 2: Fotografia de dona Neuza fiando lã na roca para produzir o fio de lã. KUSMA, Vinícius. **“Projeto À beira da extinção: memórias de trabalhadores cujos trabalhos e ofícios estão em vias de desaparecer”**. Tecelã Neuza da Rosa. Piratini, 2013. Armazenada no Laboratório de História Oral da Universidade Federal de Pelotas.

Quanto a sua habilidade, dona Neuza ressalta o seu saber-fazer: “Eu guardei que é pra ver que nem eu mesma acredito que eu fiava essa lã, dessa grossura. Muito mais fina que esta” (2012, p. 5). Contou ainda que sabia cerca de 20 pontos de tricô.

No que diz respeito ao diferencial do seu trabalho, quando lhe foi perguntado sobre outra tecelã da cidade, ela afirmou “ela é tricô à máquina [...] é máquina industrial”. Seu esposo corroborou “Não é tecelagem” (2012, p. 9). Percebe-se aqui o distanciamento que se coloca entre o saber-fazer manual e a máquina e o requerimento de *status* do primeiro, como arte e saber, considerando somente a tecelagem artesanal como tecelagem, em contraponto a tecelagem fabril. Também a narradora mencionou que é a única tecelã do

município de Piratini com carteira de artesã, sendo que as demais quando precisam expor seus trabalhos, pedem a sua ajuda.

Quando perguntada sobre a possível extinção do ofício, dona Neuza afirmou que há um decréscimo no ramo, já que antes vendia bem mais e para vários lugares, inclusive encomendas de Mato Grosso e São Paulo. Já seu Maximino traz outro aspecto, que em outras épocas era mais valorizado o trabalho. “Um poncho valia mais ou menos um salário. Hoje não [...]”. Dona Neuza corrobora a afirmativa, ao dizer: “cento e poucos, duzentos” (2012, p. 10).

Mencionou também que “é muito escassa a mão de obra para esse serviço, que pratique esse serviço. Porque o trabalho de artesanato tem que ser um trabalho bem de artesão mesmo! Se é de lã, ser lã mesmo! Tá sendo muito misturado em outras fabricações” (2012, p. 10). Seu Maximino contribui: “Aqui é lã pura, ela não mistura, é lã pura! Então, onde bote um tecido de algodão, que o fio é mais barato, o serviço há de ser mais barato, não é?” (2012, p. 10).

Ademais, trazem outro fator para justificar o decréscimo nas vendas, o fato de muitos na cidade já terem ponchos bicharás<sup>6</sup> e blusões e do seu trabalho durar muito, fazendo com que demorem pra comprar novamente. Nota-se o contraponto entre a durabilidade do artefato que produziu e a perecibilidade das produções industriais.

Muitas moças aprenderam com Dona Neuza, todavia alguns meses antes de falecer, quando foi realizada a entrevista, só tinha uma ajudante que desfiava a lã, enquanto ela trabalhava na roca com outra senhora há 37 anos. Esta se chama Elza Lopes e também foi entrevistada para o projeto. A narrativa de ambas, por vezes se funde e se confunde, pois são muitas experiências compartilhadas e memórias coletivas (HALBWACHS, 2004).

---

<sup>6</sup> Ponchos rústicos, de lã crua, sem adição de cor e tecidos artesanalmente. Das vestes para o frio o poncho bichará é a mais tradicional. É utilizado não apenas nas regiões de campanha, mas também nas cidades, tanto por homens quanto por mulheres.

Elza, 53 anos, em seu depoimento contou que começou a trabalhar com dona Neuza quando tinha 16 anos, abrindo lãs, depois por alguns anos cardou e em outros fiou e há mais de 20 anos trabalhava no tear (imagens 3 e 4), pois é necessário ficar em pé e para dona Neuza era mais confortável fiar na roca, sentada. Percebe-se que elas tinham uma relação de mestre e aprendiz, dona Neuza de confiança e orgulho para com Elza e esta de agradecimento à dona Neuza. Com a morte de dona Neuza, Elza está desempregada e sente muita vontade de seguir com o artesanato em lã, mas não tem encontrado oportunidades para tanto.



Imagem 3: Fotografia da tecelã Elza Lopes ao tear. KUSMA, Vinícius. **“Projeto À beira da extinção: memórias de trabalhadores cujos trabalhos ofícios estão em vias de desaparecer”**. Tecelã Elza Lopes. Piratini, 2013. Armazenada no Laboratório de História Oral da Universidade Federal de Pelotas.





Imagem 4. Fotografia do tear manual de dona Neuza da Rosa. KUSMA, Vinícius. **“Projeto À beira da extinção: memórias de trabalhadores cujos trabalhos ofícios estão em vias de desaparecer”**. Tecelã Neuza da Rosa. Piratini, 2013. Armazenada no Laboratório de História Oral da Universidade Federal de Pelotas.

Assim, máquinas de tecelagem mecânicas e elétricas, lãs sintéticas e indústrias têxteis marginalizam o trabalho das tecelãs manuais, pois estas, depois da lã tosquiada, lavam-na, secam, cardam, fiam em rocas de pedal e tecem à mão ou em teares manuais, passando dias e, às vezes, semanas a produzir uma única peça.

## **TRANÇAR TENTOS DE COURO: OS GUASQUEIROS**

“Cada tento forte, desquinado inteiro  
Pelas mãos de jeito, de paciência e arte  
Só depois com outro é que vai ser guerreiro  
Porque ainda solito, num tirão se parte”

Entre mãos e tentos - Luiz Marengo

A arte de trabalhar o couro está tradicionalmente vinculada aos homens. O couro é reciclado após a carneada na forma de artesanato, pelas mãos dos correeiros, que produzem estes artefatos para o uso, sobretudo nas lides campeiras (LESSA, 1978).

Seu Zoido de Jesus, 81 anos, começou a trabalhar com o couro aos 12 anos, pois tinha um irmão mais velho que lhe ensinava. Chegou a ter um estabelecimento comercial, onde expunha e vendia suas obras em parceria com seu amigo, também guasqueiro, Rubens Alves.

Seu Rubens, 75 anos, chegou para trançar junto com seu Zoido, como de costume, e participou da entrevista. Começou jovem também e relatou: “Com doze anos já estragava algum couro! (riso) Porque tem que estragar pra aprender! [...] Aquela curiosidade! Eu via as coisas, mas eu tenho que aprender! A gente passa um trabalho incrível, mas tem que ter persistência!” (2013, p. 17) Seu Rubens aprendeu com várias pessoas e muito com seu Zoido, pois este tinha mais experiência.

Seu Zoido sabe fazer muitos tipos de tranças, que são denominadas de acordo com a quantidade e a espessura do tento<sup>7</sup> que será utilizado. Ele falou da trança de 5 que é para rédea<sup>8</sup> e boçal<sup>9</sup>, a de 6 pra cabresto<sup>10</sup>, das tranças de 8, de 10 e de 12. Muitas destas seu Rubens também sabe fazer. Aquele contou do ponteado, que para fazê-lo a corda precisa ser dupla. Que há o ponto escondido, para fazê-lo é necessário deixar de molho o couro na água e no cal, para que os pêlos fiquem mais soltos e lonqueá-lo<sup>11</sup>. E, que esse couro precisa ser de cabrito, veado ou cavalo, pois o couro de vaca é para “trabalho grosseiro”.

Seu Zoido, ensinou três outros guasqueiros a trabalharem com o couro, sendo que dois deles ainda seguem o ofício. “Pois trabalhar em corda é um negócio meio complicado. Tem que saber se o couro é bom. Tem que ser bem carneado. Inicia desde carnear a vaca” (2013, p. 4).

Seu Rubens explicou como se tira o couro para que ele possa ter o máximo de aproveitamento:

Tira o couro, lonqueia ele pelo direito, assim fresquinho, tirar e lonquear todo (gestos) e depois estaqueia<sup>12</sup>, seca, depois corta a parte do pescoço fica fora e a parte da anqueira<sup>13</sup>, do quadril pra trás aquilo também sai fora, fica duas rodela, uma de um lado outra de outro, ali cada uma dá um tento. Depois dobra ao meio e corta os tentos. (2013, p. 13)

Seu Zoido conta que ajudava a carnear para ganhar o couro. Afirmou que o inverno é uma época melhor para o trabalho porque o couro está mais

---

<sup>7</sup> Tira fina de couro, utilizada para confeccionar laços, tranças delicadas e costuras em couro (na qual o tento exerce o papel de linha).

<sup>8</sup> Duas peças longas de couro presas ao freio, que vão deste às mãos do cavaleiro.

<sup>9</sup> Também de couro, vai do pescoço até a cabeça do cavalo.

<sup>10</sup> Parte de couro que vai à cabeça do cavalo e junto com o freio e as rédeas compõe os utensílios de sujeição deste.

<sup>11</sup> O ato de lonquear o couro, significa raspá-lo suavemente para extrair dele os pêlos.

<sup>12</sup> Estaquear é prender o couro para que fique esticado para secar.

<sup>13</sup> A anca refere-se a região do corpo que se estende da cintura até as coxas. No corpo dos quadrúpedes são os membros onde estão inseridos as patas posteriores.

úmido, já no verão ele resseca muito, dificultando o trabalho. Quando acontece o ressecamento é preciso deixar o trabalho na rua durante a noite, para que pegue umidade do sereno, o que permite pensar que este possa ser, de acordo com seu Zoido, um ofício de regiões mais úmidas e frias.

Os narradores discordam quanto ao fato da quantidade de guasqueiros que havia durante a juventude deles e a que há atualmente. Para seu Zoido antes havia mais e seu Rubens acredita que hoje há mais. Essa discordância se deve a confusa utilização das nomenclaturas e a tênue cisão que há entre o ofício de guasqueiro e o de correeiro. Esta última palavra também aparece na variante correeiro.

Seu Rubens disse que antes o ofício não era valorizado porque só mandava fazer algum artigo em couro quem tivesse muito dinheiro e a pessoa para o seu próprio uso geralmente fazia. Ainda, contou que hoje tem mais procura pelo seu serviço porque a juventude está influenciada pela marca do Cavalo Crioulo (ABCCC - Associação Brasileira dos Criadores de Cavalos Crioulos) e pela projeção dos aperos<sup>14</sup> em couro, em grande parte, divulgados por esta marca, e que hoje o rendimento é maior porque antes o preço que podiam cobrar era menor. Isso pode levar a refletir sobre a valorização do real e ao próprio modesto crescimento econômico do Brasil, no século XXI.

Em relação à diferença dos dois ofícios, seu Rubens referindo-se a correeiros da cidade relatou: “Eles até que fazem alguma coisa assim de artesanato de couro cru. Portuguesmente é guasqueiro! Mas eles fazem de tudo um pouco, mas não é [...] porque a profissão deles mesmo é com sola. Que é correeiro.” (2013, p.11) Aqui seu Rubens estabeleceu a cisão, o guasqueiro é um artesão cuja matéria prima é o couro cru e o correeiro domina alguns conhecimentos do ofício de guasqueiro, mas seu material principal é a sola.

Ademais, mencionou outro diferencial entre os ofícios: “é tudo mais simples. Inclusive, a maioria do trabalho agora é com máquina pra furar [...] E

---

<sup>14</sup> Conjunto de peças da encilha do cavalo.

nós é tudo na mão!” (2013, p. 11). Este se acredita que seja o ponto fulcral entre os dois ofícios: o correeiro mantém algumas permanências do ofício do guasqueiro. Todavia, a ruptura entre ambos, se dá com a introdução das máquinas de corte e costura da sola e com a industrialização, pois a maioria dos correeiros faz apenas uma parte do processo de produção, e não toda a peça, como os guasqueiros.

Ao fazer essa distinção, entre trabalho manual e o com máquina, seu Rubens concordou que o número de guasqueiros atualmente é menor e ele chega a dizer “eu acho até que vai liquidar”. Quando questionado porque o ofício pode acabar, mencionou a falta de persistência como o fator central e, seu Zoido fala que os novos guasqueiros não se aperfeiçoam.

Ainda, seu Rubens refletiu: “não dá pra dizer que seja profissão porque não existe documento pra essa profissão” (2013, p. 13). O fato de não haver regulamentação que oficialize e profissionalize o ofício, pode contribuir para que a situação do trabalhador se agrave, pois trabalha sem segurança, sem salário fixo e sem amparo legal. No entanto, a autonomia é indispensável para um artesão criar, ainda mais para este ofício que depende do clima, como já mencionado.

Seu Rubens afirmou que trabalha com calma: “[...] não pego quantia pra ter que tocar. Faço a minha vontade. Se vejo que eu não vou fazer, digo: não, não posso pegar” (2013, p. 10). O processo de produção de um artesão respeita seu tempo para criar e, neste trecho, percebe-se também a honestidade com o cliente e a ambição por produzir um artefato de qualidade e não por fabricar cada vez mais.

Em relação aos artefatos que produzem, seu Zoido estava com um relógio em que havia feito todo o trabalho na pulseira (imagem 5). Também fazem laços<sup>15</sup>, bainhas para facas<sup>16</sup> (imagem 6), freios<sup>17</sup>, cabeçadas<sup>18</sup>,

---

<sup>15</sup> Corda feita de tentos de couro trançados, que pode medir até 15 braças (33 metros), usada nas lides campeiras.

mangos<sup>19</sup>, guaiacas<sup>20</sup>, entre outros. Os dois vendiam suas peças para duas correarias de Pelotas, Camaquense e Padilha, além de algumas de Piratini e também tinham um comprador no estado de Curitiba. Atualmente trançam apenas para os clientes antigos.

---

<sup>16</sup> A bainha é uma proteção para que o campeiro possa utilizá-la na cintura sem se machucar e também para que ela não “perca o fio” (permaneça afiada para o corte).

<sup>17</sup> Bocal de ferro usado no cavalo com a finalidade de freá-lo.

<sup>18</sup> Peça de couro que prende o freio à cabeça do cavalo.

<sup>19</sup> Peça de couro utilizada para açoitar o cavalo.

<sup>20</sup> Feitas de couro utilizadas na cintura com bolsos para guardar dinheiro dentre outras necessidades. Atualmente muitas são feitas com bolso para o celular.



Imagem 5: Fotografia de seu Zoido furando o couro com o cravador para fazer uma bainha de faca. KUSMA, Vinícius. **“Projeto À beira da extinção: memórias de trabalhadores cujos trabalhadores ofícios estão em vias de desaparecer”**. Guasqueiro Zoido de Jesus. Piratini, 2013. Armazenada no Laboratório de História Oral da Universidade Federal de Pelotas.



Imagem 6: Seu Zoido de Jesus posando com a bainha pronta. KUSMA, Vinícius. **“Projeto À beira da extinção: memórias de trabalhadores cujos trabalhos ofícios estão em vias de desaparecer”**. Guasqueiro Zoido de Jesus. Piratini, 2013. Armazenada no Laboratório de História Oral da Universidade Federal de Pelotas.



Segundo os narradores, o que é mais difícil de fazer é o laço, porque é necessário “[...] cortar os tentos, tem que espichar, tem que emparelhar, e depois seguir a trança” (2013, p. 12). A grossura do laço se dá de acordo com a bitola do tento: quanto mais grosso o tento, mais grosso será o laço; e com a espessura do couro, dependendo de qual local do animal foi extraído.

Quando seu Rubens foi perguntado se havia ensinado alguém: “Ensinei! Inclusive de primeiro vinha uma verba RS, não sei o que que era do Estado, aí eu dei três anos de curso, três vezes. Artesanato de couro cru” (2013, p. 17). O curso era gratuito para as pessoas da cidade que se interessavam e ele era pago para ministrar aulas, há mais de 20 anos. Dos que fizeram o curso nenhum está trabalhando na área.

Portanto, os guasqueiros concebem o processo criativo e/ou produtivo como um todo, atuando desde o momento da carneada, quando o couro é retirado do animal até a entrega da peça ao cliente. Além disso, tem de competir com materiais variados, que passam a ser utilizados nos arreios, em substituição ao couro. Em contraponto, encontram na figura do correeiro um confronto para se manter no mercado de trabalho, pois estes possuem mais chances de propiciar ao cliente um produto mais barato e acessível, mesclando sola aos trabalhos com couro, utilizando materiais semi-prontos, com produtos a pronta entrega. Muitos possuem estabelecimentos comerciais e/ou pequenas fábricas com funcionários e máquinas, podendo assim produzir em ritmo acelerado.

## **CONCLUSÃO**

Os dois ofícios possuem uma forte ligação com a natureza e o mundo rural, pois antes do verão as ovelhas são esquiladas para que não sintam tanto calor e essa lã tramada se transforma em agasalhos pelas mãos das tecelãs, já o couro após a carneada é transformado em diversos artigos para as lides campeiras, pela prática dos guasqueiros.

Ambos sentem-se ameaçados pela industrialização, sejam pela imposição das fábricas têxteis, no caso das tecelãs ou pelo uso de solas e materiais semi-prontos ou novos materiais como os arreios em nylon, no que diz respeito aos guasqueiros.

Contudo, a habilidade manual, produzindo sempre peças únicas e personalizadas; o agrado e a honestidade com o cliente; a qualidade dos materiais utilizados, lã bruta e couro cru, podendo estes ser modificados de acordo com o pedido, são os fatores que mantêm estes artífices atuando e inseridos no mercado de trabalho artesanal (SENNETT, 2009).

## REFERÊNCIAS:

### Bibliográficas:

GEISEL, Amália Lucy; LODY, Raul. **Artesanato brasileiro: tecelagem**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1983.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

LESSA, Barbosa. **Mão gaúcha**. Porto Alegre: Fundação Gaúcha do Trabalho, 1978.

MEIHY, José. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

SENNETT, Richard. **O Artífice**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

THOMPSON, E. P. Artesãos e outros. In: **A formação da classe operária inglesa**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 71-116.

THOMPSON, E. P. Os tecelões. In: **A formação da classe operária inglesa**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 117-177.

#### **Fontes:**

SILVA, Eduarda Borges da. **“Projeto À beira da extinção: memórias de trabalhadores cujos trabalhos estão em vias de desaparecer”**. Entrevista de História Oral Temática com a tecelã Neuza da Rosa. Piratini, 2012. Armazenada no Laboratório de História Oral da Universidade Federal de Pelotas.

SILVA, Eduarda Borges da. **“Projeto À beira da extinção: memórias de trabalhadores cujos trabalhos estão em vias de desaparecer”**. Entrevista de História Oral Temática com os gausqueiros Zoido de Jesus e Rubens Alves. Piratini, 2013. Armazenada no Laboratório de História Oral da Universidade Federal de Pelotas.

SILVA, Eduarda Borges da. **“Projeto À beira da extinção: memórias de trabalhadores cujos trabalhos estão em vias de desaparecer”**. Entrevista de História Oral Temática com a tecelã Elza Lopes. Piratini, 2013. Armazenada no Laboratório de História Oral da Universidade Federal de Pelotas.